EDGAR ALLAN POE

FICÇÃO COMPLETA,
POESIA & ENSAIOS

Organizados, traduzidos e anotados por

OSCAR MENDES

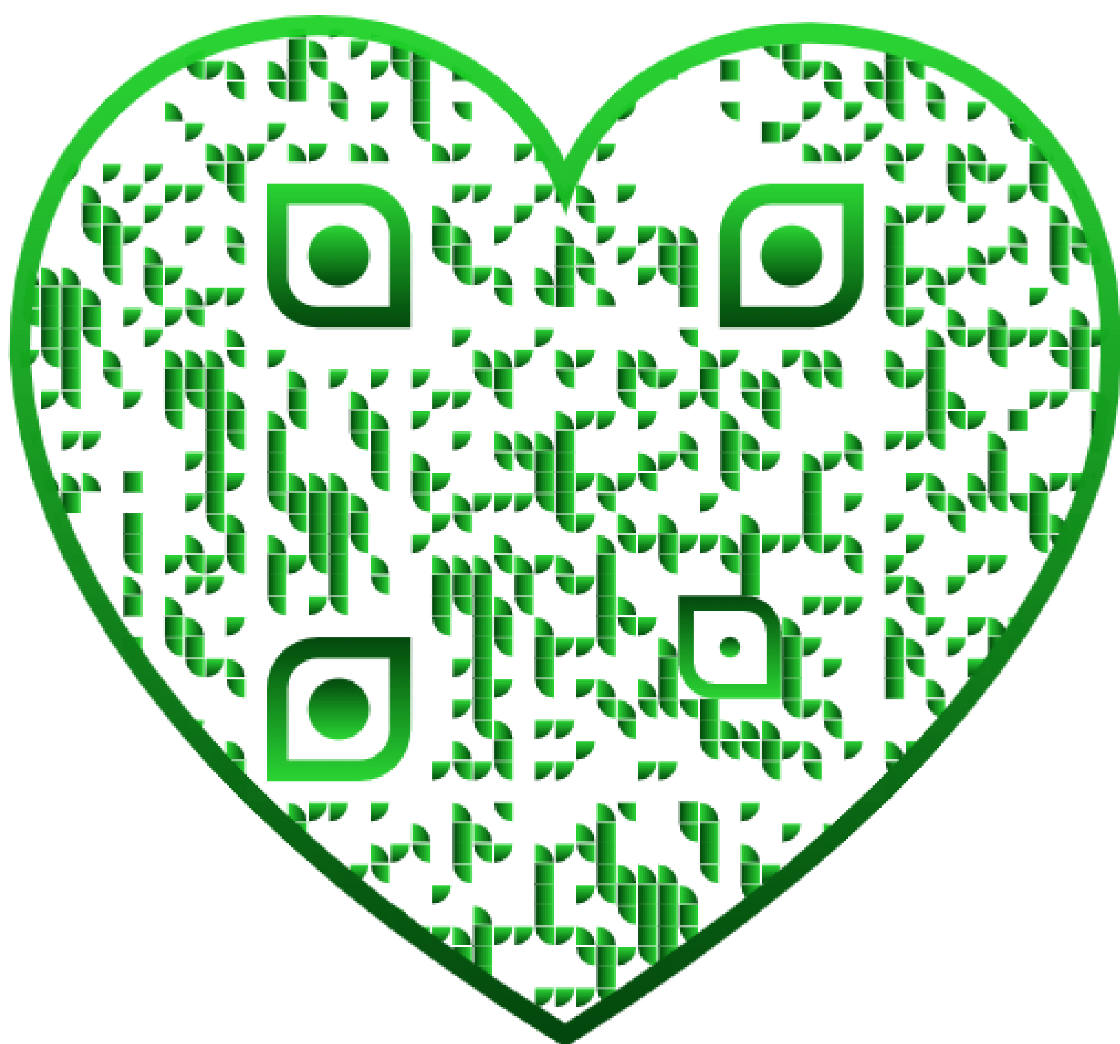
com a colaboração de

MILTON AMADO

Precedida de estudos biográficos e críticos por

HERVEY ALLEN, CHARLES BAUDELAIRE e OSCAR MENDES

RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR., 1997



VIDA E OBRA DE EDGAR ALLAN POE
HERVEY ALLEN

NASCIMENTO

ATÉ BEM POUCOS ANOS, vinha sendo a biografia de Poe uma das mais obscuras e controvertidas no campo das letras americanas. Os cuidadosos trabalhos de vários eruditos e o aparecimento periódico de novas provas, devidas a pesquisas e felizes acasos no correr dos anos, tornaram possível, com um grau mais ou menos definitivo de exatidão, os principais acontecimentos da ida de uma das poucas figuras da literatura americana que alcançaram um nicho na galeria da fama universal. No que concerne aos acontecimentos e aos fatos do calendário da vida do poeta, não há mais desculpa em falar no "mistério de Poe". O enigma, se algum há, que continua preso ao nome de Edgar Allan Poe deve ser encontrada mais no caráter do homem do que nos fatos de sua jornada terrestre. Edgar Allan Poe nasceu no número 33 da rua Hollis, em Boston (Massachusetts), a 19 de janeiro de 1809, filho de pobres atores, Davi e Isabel (nascida Arnold) Poe. Seus pais achavam-se então cumprindo um contrato num teatro de Boston e as representações de ambos, juntamente com sua permanência em vários lugares, durante sua carreira errante, podem ser acompanhadas plenamente pelos programas de teatro do tempo.

LINHAGEM PATERNA

O PAI DO POETA era um tal Davi Poe, de Baltimore (Maryland), que havia abandonado o estudo do Direito, naquela cidade, para seguir a carreira teatral, contra o desejo de sua família. Os Poe haviam se estabelecido na América, duas ou três gerações antes do nascimento de Edgar. Traça-se distintamente sua linha ascendente até Dring, da Paróquia de Kildallen, do Condado de Cavan, na Irlanda e daí até a paróquia de Fenwick, em Ayrshire, na Escócia. Portanto, derivavam eles de um tronco escoto-irlandês, sendo duvidoso que haja traços de Celtas. Os primeiros Poe vieram para a América aí por 1739. Os imediatos antepassados paternos do poeta desembarcaram em Newcastle (Delaware), em 1748, ou pouco mais cedo. Eram eles João Poe e sua mulher, Joana McBride Poe, que foram estabelecer-se na Pensilvânia oriental. Este casal teve dez filhos, entre os quais Davi, que foi o avô do poeta. Davi Poe casou-se com Isabel Cairnes, também de ascendência escoto-irlandesa e viveram em Lancater (Pensilvânia), donde algum tempo antes de rebentar a Revolução Americana, se removeram para Baltimore (Maryland). Davido Poe e sua mulher, Isabel Cairnes Poe tomaram o partido patriótico da revolulução. Davi mostrou-se ativo em expulsar de Baltimore os partidários do Rei e foi nomeado "Deputado Quartel-Mestre Assistente", o que significava ser ele agente de aprovisionamentos militares para o Exército Revolucionário.. Diz-se que ele prestou considerável auxílio a Lafayette, durante as campanhas da Virgínia e do Sul, e por essa patriótica atividade recebeu o título de "General" honorário. Sua mulher, Isabel, tomou parte ativa na confecção de roupas para o Exército Continental. Davi e Isabel Poe tiveram sete filhos. Davi, o mais velho, veio a ser o pai do poeta. Duas irmãs de Davi, Elisa Poe (depois Sra. Henry Herring) e Maria Poe (mais tarde Sra. William Clemm), entram na história da vida do poeta, a última, especialmente, por se ter tornado sua sogra, além de ser sua tia. Com ela ele viveu de 1835 a 1849.

O jovem Davi Poe estava destinado ao estudo do Direito, mas, como já mencionamos, deixou por fim a cidade natal para seguir a carreira do teatro. Sua estréia profissional

realizou-se em Charleston (Carolina do Sul), em dezembro de 1803. Uma notícia teatral dessa representação, num jornal local, descreve Davi Poe como sendo extremamente tímido, ao passo que: ... Sua voz parece clara, melodiosa e varável; qual possa ser seu compasso, só se revela quando ele representa libertado de sua timidez. Sua dicção parece ser bem distinta e articulada; e seu rosto e sua pessoa dizem muito em seu favor. Seu tamanho é daquele porte bem adequado à ação geral, se seu talento se adaptasse ao soco e ao coturno... É este, talvez, o único testemunho direto existente do aspecto físico do pai do poeta. Não se conhecem retratos dele. Suas qualidades histriônicas eram, quando muito, limitadas. Continuou a representar papéis menores em várias cidades do Sul e, em janeiro de 1806, casou-se com Isabel Arnold Hopkins, jovem viúva sem filhos, também atriz, cujo marido morrera havia poucos meses. Isabel Arnold Poe veio a ser a mãe de Edgar Allan Poe.

LINHAGEM MATERNA

A JOVEM VIUVA, com quem Davi Poe se casou em 1806, nascera na Inglaterra, na primavera de 1787. Era filha de Henry Arnold e de Isabel Arnold (nascida Smith), ambos atores no Teatro Real de Covent Garden, em Londres. Henry Arnold morreu, ao que parece, em 1793. Sua viúva continuou a sustentar-se e à filha, representando e cantando, e, em 1796, trazendo consigo sua jovem filha, veio para a América, desembarcando em Boston. A Sra. Arnold continuou sua carreira profissional na América, a princípio com pouquíssimo êxito. Ou imediatamente antes, ou logo depois de chegar aos Estados Unidos, porém, casou-se uma segunda vez, com um tal Charles Tubbs, inglês de poucos dotes e pouco caráter. O casal continuou a representar, a cantar e dançar em várias cidades, por toda a costa oriental, e a jovem Srta. Arnold foi logo notada nos cartazes, aparecendo em papéis juvenis, como membro de várias companhias a que sua família pertencia. O Sr. e Sra. Tubbs desapareceram de vista, aí por 1798, mas a carreira de Isabel Arnold, mãe de Poe, pode ser seguida, cuidadosamente, pelos vários cartazes de anúncios e notícias nos jornais das diversas cidades em que representou, até sua morte, em 1811. Foi durante suas viagens como atriz que se casou com C. D. Hopkins, também ator, em agosto de 1802. Não houve filhos dessa união. Hopkins morreu três anos depois, e, em 1806, como foi dito antes, sua viúva casou-se com Davi Poe.O casal continuou a representar junto, mas com muito pouco êxito. Nasceram-lhe três filhos: William Henry Leonard, nascido em Boston, em 1807; Edgar, nascido em Boston, em 1809; e Rosália, em Norfolk (Virgínia), provavelmente em dezembro de 1810. Devido à pobreza deles, que era sempre extrema, o primeiro filho, Henry, fora deixado aos cuidados de seus avós, em Baltimore, logo depois de nascido. Edgar nascera enquanto seus pais cumpriam um contrato no Teatro de Boston. No verão de 1809, os Poe foram para Nova York, onde Davi Poe ou morreu ou abandonou sua mulher, provavelmente esta última coisa. A Sra. Poe foi abandonada com o menino Edgar e, algum tempo depois, deu à luz a uma filha. Lançou-se suspeita, mais tarde, a respeito da paternidade dessa última criança e sobre a reputação da Sra. Poe, suspeita essa que desempenhou desgraçado papel nas vidas de seus filhos. Não é preciso dizer que tal suspeita era injusta. De 1810 em diante, a Sra. Poe continuou, embora com a saúde decadente, a aparecer em vários papéis em Norfolk (Virgínia), em Charleston (Carolina do Sul), e em Richmond. No inverno de 1811, foi dominada por uma doença fatal e morreu a 8 de dezembro, em situação de grande miséria e pobreza, na casa de uma modista de chapéus, escocesa, em Richmond. Foi sepultada no cemitério da Igreja Episcopal de S. João, daquela cidade, dois dias mais tarde, mas não sem alguma pia oposição.

INFÂNCIA

SOBREVIVIAM à Sra. Poe três crianças órfãs. Duas delas, Edgar e Rosália, achavam-se com ela ao tempo de sua morte e foram tratadas por pessoas caridosas. Edgar, então com cerca de dois anos de idade, foi levado para a casa de John Allan, negociante escocês em situação francamente próspera, ao passo que a pequena Rosalia recebera abrigo em casa do casal William Mackenzie. Os Alians e os Mackenzies eram amigos íntimos e vizinhos. As crianças ficaram naquelas casas e o fato de sua criação tornou-se, com o correr do tempo, equivalente a uma adoção. Frances Keeling Valentine Allan, esposa do comerciante escocês que dera abrigo ao "pequeno órfão Edgar Poe", não tinha filhos, embora estivesse casada havia muitos anos. O menino Edgar parece ter sido uma criança viva e atraente, e, a despeito de certa relutância do Sr. Allan, foi logo admitido como membro permanente da família. Embora haja certa prova de uma tentativa da parte dos parentes paternos de Baltimore para demonstrar seu interesse pela criança, o rapazinho ficou como filho de criação de John Allan, em Richmond, onde bem cedo foi posto numa escola mantida por uma dama escocesa, e, ao que parece, mais tarde, na de um tal William Irving, professor local. Há bastante prova de que seus primeiros anos de infância passou-os, ele, em ambientes felizes e confortáveis. A Sra. Allan e sua irmã solteira Nancy Valentine, que residia na mesma casa eram especialmente loucas pelo seu "garoto". Parece que ele, realmente, foi um tanto tratado com excesso de mimos, como se fosse uma criancinha, da parte das mulheres, o que o pai de criação procurava contrabalançar com severidade ocasional, mas provavelmente bem oportuna. Em 1815, a família viajou para a Inglaterra, a bordo do Lothair, levando Edgar consigo. Depois de breve estada em Londres, visitaram uns parentes da Escócia, os Galts, Alíans e Fowlds, em Kilmarnock, Irvine e outros lugares perto de Ayrshire. Viajaram para Glasgow e depois voltaram a Londres, no fim do outono de 1815, quando Edgar foi enviado de volta à Escócia, para Irvine. Ali, durante pouco tempo, freqüentou a Escola de Gramática. Em 1816, porém, regressou a Londres, onde seu pai de criação estava procurando fundar uma sucursal de sua firma de Richmond, Ellis e AlIan, com comércio de tabaco e mercadorias em geral. A família residia na Praça Russell, em Southampton Row, e, nessa ocasião, o jovem Edgar foi matriculado num internato, dirigido pelas Srtas. Dubourgs, na Rua Sloane, n.0 146, em Chelsea. Ali permaneceu até o verão de 1817. No outono desse ano, entrou para a escola de Manor House, do Reverendo John Bransby, em Stoke Newington, então subúrbio de Londres, Ali permaneceu até certo tempo, na primavera de 1820, quando foi retirado para voltar à América. As memórias do jovem Poe, de seus cinco anos de estada na Escócia e na Inglaterra, foram excessivamente vivas e continuaram a fornecer-lhe recordações para o resto da vida. Parece ter sido um jovem cavalheiro um tanto precoce e orgulhoso. Curiosas e vívidas reminiscências desses antigos dias escolares na Inglaterra encontram-se na sua história de "William Wilson". É significativo de suas relações com seus pais adotivos que as notas de sua instrução na Inglaterra sejam dadas para o jovem Allan. Não pode haver a menor dúvida de que, naquela ocasião, o Sr. Allan o olhava como filho. Outras provas não faltam.

ADOLESCÊNCiA

As ESPECULAÇÕES comerciais de John Allan em Londres não foram felizes. Voltou para os Estados Unidos, chegando a Richmond, em agosto de 1820, cheio de consideráveis dificuldades, nas quais se viu também envolvido seu sócio Charles Ellis. Cessões de bens de raiz tiveram de ser conseqüentemente feitas para satisfazer os credores. A vida da família Allan, porém, continuou a ser confortável. Edgar foi mandado para uma Academia, dirigida por William Burke e mais tarde por Joseph H. Clarke, e freqüentada pelos filhos das melhores famílias de Richmond. Na escola, o jovem Poe sobressaiu-se em línguas, oratória, representações teatrais e realizou notáveis façanhas em natação. Parece ter atraído a atenção de seus mestres e dos colegas mais velhos pelo seu brilho e ter sido bastante estimado, apesar de mostrar-se um tanto distante, pela maior parte de seus companheiros. Em idade muito precoce começou a escrever poesias, datando seus versos

logo dos treze anos. Em 1823, tornou-se íntimo da casa dum colega de escola, Robert Stanard, cuja mãe, Jane Stith Stanard, tomou terno interesse pelo brilhante rapaz, afeição que foi ardente e romanticamente retribuída. Foi a essa senhora que Poe dedicou mais tarde seu poema "Para Helena", que começa: Helena, tua beleza é para ... Sra.Stanard em breve enlouqueceu e morreu. Essa tragédia atingiu, sem dúvida, profundamente o coração de Poe, tendo sido para ele um grande golpe, que o abalou de modo intenso. Conta-se, não sem discutível autoridade, que ele rondava à noite o seu túmulo, no cemitério solitário. Não há dúvida, porém, de que continuou a estremecer-lhe a lembrança, enquanto viveu.

Seja como for, porém, em 1824, o jovem poeta, que estivera dirigir às moças dum colégio feminino vizinho juvenis versos líricos: achou-se plenamente embarcado nas águas turvas duma vida adulta. A Sra. Stanard morrera; seu pai adotivo achava-se em graves apuros financeiros; a saúde da Sra. Allan ia rapidamente definhando e havia na casa uma dissensão doméstica da mais séria espécie: John Allan dava-se, de tempos em tempos, a relações extra maritais. Alguns de seus filhos naturais viviam então em Richmond e, dessa ou daquela forma, chegou isso ao conhecimento de sua mulher, cujo pesar foi imenso. Durante a visita de Lafayette a Richmond em 1824, o jovem Poe, que era oficial numa companhia de cadetes, esteve na escolta do velho general. Isto lhe deu novo senso de sua própria dignidade e importância, e ao mesmo tempo parece que em alguns de seus encontros na cidade com companheiros adultos veio a saber do modo de vida de seu pai de criação. Em casa Edgar tomou o partido de sua mãe e uma desavença, que, através de várias ramificações, durou por mais de dez anos, se criou entre Poe e John Allan.A situação era caracteristicamente exasperante a todos os respeitos, e o conflito, dramático.

O Sr. Allan, ao que parece, havia, ao tempo da morte da Sra. Davi Poe, entrado na posse de parte da correspondência dela. O que havia naquelas cartas ninguém jamais saberá, pois foram mais tarde destruídas pela Sra. Clemm, a pedido do próprio Poe. Talvez houvesse algo de comprometedor nelas. Seja como for, a fim de garantir-se o silêncio de Edgar em torno de seus próprios negócio, o Sr. Allan escreveu uma carta a William Henry Leonard Poe, em Baltimore, queixando-se de Edgar em vagos termos, acusando-o de ingratidão e atacando a legitimidade de Rosália, irmã do rapaz. O efeito dessa carta, e talvez tenha havido mais de um, foi evidentemente transtornador para ambos os filhos de Isabel Poe. Decerto tornou ainda mais tensas as relações na casa de Allan, em Richmond. Três anos mais tarde, encontramos Henry, em Baltimore publicando um poema, intitulado "Numa Carteira de Lembranças" que dá todas as mostras de que as dúvidas a respeito da legitimidade de sua irmã tinham atingido o alvo.

Por esse tempo começava Rosália Poe a dar sinais de paralisação do desenvolvimento. Jamais se desenvolveu plenamente e, embora continuasse a ser estimada como filha pelos Mackenzies, que haviam desde o começo acolhido, permaneceu, quando muito, com uma triste recordação do passado para seu irmão Edgar. Sobreviveu-lhe muitos anos, morrendo afinal numa instituição de caridade em Washington, D.C.

A morte da Sra. Stanard, os apuros financeiros e conseqüente irritabilidade de John Allan, as disputas e contra-ataques em casa, sua própria posição duvidosa ali - pois nunca fora adotado e sua situação de caridade era constantemente reiterada - tudo isso formava um penoso ambiente para um poeta jovem e ambicioso. Acresce que há indicações de que o Sr. Allan, como escocês prático, tinha pouca ou nenhuma simpatia pelas ambições de seu filho de criação no campo da literatura.

Em 1825, os apuros financeiros do Sr. Allan foram amplamente aliviados, pela herança de grande fortuna de seu tio William Galt. Viu-se ele, em suma, homem bastante rico. Todo o teor de vida da família mudou então para um método consoante com suas melhores condições. Foi comprada nova casa de considerável aparato, e nessa vasta e

confortável mansão, situada nas Ruas Quinta e Principal, da cidade de Richmond, teve início uma série de diversões e funções sociais , a despeito da saúde decadente da dona da casa. Poe acompanhou a família, na nova casa. Seu pai de criação retirou-o da Academia do Sr. Clarke e tinha-o preparado para a Universidade de Virgínia, que, sob o patrocínio de Thomas Jefferson, acabara recentemente de abrir as portas.Numa rua vizinha, vivia uma mocinha, chamada Sara Elmira Royster. Poe freqüentava-lhe o salão, onde cantavam e desenhavam quadros. Elmira tocava piano, enquanto Edgar a acompanhava na flauta, ou passeavam pelos jardins, de mãos dadas. Sabe-se que Henry Poe visitou seu irmao, em Richmond, por esse tempo e acompanhou Poe à casa dos Roysters. Antes de seguir para a Universidade, Edgar ficou noivo de Elmira. O trato, porém, foi mantido oculto das pessoas de ambas as famílias.

Em fevereiro de 1826, Edgar A. Poe matriculou-se na Universidade de Virgínia. Tinha então apenas pouco mais de dezessete anos, mas pode dizer-se que sua idade adulta começara.Sua posição na Universidade era precária. Como “filho" dum homem rico, possuía bastante crédito e o próprio Poe estava disposto a viver de acordo com tal reputação. Por outro lado, seu pai de criação parece mesmo, naquele tempo, ter-se mostrado tão alheio a seu pupilo que lhe dava mesada muito menor do que a necessária para sua manutenção. O jovem estudante fez brilhantes progressos nos estudos, mas também se entregou a rapaziadas um tanto fortes. A fim de manter sua posição, começou a jogar intensamente; perdeu, e utilizou-se de seu crédito junto aos lojistas locais de modo atrevido. Foi por esse tempo também que ficamos sabendo, pela primeira vez, ter ele começado a beber. Os efeitos de bem pequena porção de álcool no organismo de Poe foram devastadores. Parece ter sido um jovem brilhante, mas um tanto excêntrico e francamente nervoso.

Outra causa de tensão, nessa época, foi o infeliz "desenvolvimento" do seu caso amoroso. O Sr. e a Sra. Royster tornaram-se evidentemente conhecedores do fato de que o jovem Poe não era mais considerado herdeiro por seu pai de criação. Logo souberam, sem dúvida, de seu namoro com Elmira, e então trataram de fazer pressão para desfazer o noivado. As cartas de Poe para sua amada foram interceptadas; proibiram que Elmira lhe escrevesse; as atenções de um jovem solteiro aceitável, A. Barrett Shelton a cercaram, insistentes; e por fim mandaram-na para fora, por algum tempo, sob custódia.

Entrementes, o Sr. Allan foi informado das dificuldades financeiras de seu pupilo, cujas dívidas, dizia-se, haviam atingido o montante de 2500 dólares. Sua cólera tornou extrema, e quando Poe voltou a Richmond, para passar as férias do Natal de 1826, foi avisado por seu tutor que não poderia voltar para a Universidade. As primeiras semanas de 1827 foram passadas em Richmond nas mais tensas relações entre o jovem Poe e o Sr. Allan. A carreira de Poe na Universidade fora, sem dúvida, bastante insatisfatória. Por outro lado, a cólera do Sr. Allan era implacável e extrema. Recusou-se a pagar qualquer das dívidas de honra de seu pupilo ou quaisquer outras dívidas; por esse meio reduzindo ao desespero o espírito altivo do rapaz, que ele tinha elevado à categoria de seu filho. O jovem Poe estava perseguido pelas letras de câmbio. Seu pai de criação aproveitou a oportunidade para insistir em que ele estudasse Direito e abandonasse todas as ambições literárias. Aparentemente por causa disso deu-se, afinal, o rompimento. Tiveram eles violenta discussão, em março de 1827, ao fim da qual o jovem poeta deixou a casa e foi para uma hospedaria, donde escreveu pedindo sua mala e suas roupas e objetos pessoais. Muitas cartas foram trocadas entre os dois sem que se chegasse a uma reconciliação. Seus mútuos agravos se repetiram e Poe, afinal, acabou por, a despeito de seu extremo desamparo, seguir para Boston então a capital literária dos Estados Unidos. Parece que o Sr. AlIan tentou evitá-lo, mas sua mulher e sua cunhada talvez tenham suprido Poe secretamente de uma pequena soma de dinheiro, por intermédio de um dos escravos, antes que o rapaz se pusesse a caminho.

Sob o nome falso de Henri Le Rennet, abandonou Richmond com um companheiro, Ebenezer Burling, e alcançou Norfolk (Virgínia). Ali Burling o deixou, enquanto Poe continuava a viagem num navio até Boston, onde chegou quase sem dinheiro, em certo dia de abril de 1827. Não foi para o estrangeiro, como tem sido tantas vezes afirmado, até por ele mesmo. As datas de seus conhecidos paradeiros, tomadas de suas cartas e documentos naquela ocasião, afastam definitivamente mesmo a possibilidade de uma viagem à Europa. Em Boston há provas um tanto obscuras de que Poe tentou manter-se escrevendo - para um jornal. E certo, porém, que, enquanto se achava em Boston, durante a primavera e o verão 1827, travou amizade com um jovem impressor, um tal Calvino F. S. Thomas, entrado de pouco no negócio, e valeu-se dele para imprimir um volume de versos, Tamerlão e Outros Poemas. Parece que o impressor não conheceu Poe senão por um falso nome. A capa do pequeno volume afirmava que o trabalho era de "Um Bostoniano". A maior parte da edição, provavelmente devido à incapacidade de Poe para pagar ao impressor, foi ao que parece destruída, ou teve que ficar encalhada. Somente poucos exemplares do livro entraram em circulação e apenas apareceram duas apagadas noticias. O próprio Poe parece ter reservado muito poucos livros para seu uso pessoal.Entrementes, o autor desse volumezinho desconhecido, mas agora famoso, achava-se reduzido à maior pobreza.

Totalmente sem meios, demasiado orgulhoso ou incapaz de recorrer a Richmond, tomou por fim a desesperada resolução de alistar-se no Exército dos Estados Unidos, em 26 de maio de 1827, sob o falso nome de Edgar A. Perry. Foi destacado para a Bateria H do 1O. de Artilharia dos Estados Unidos, e passou o verão de 1827 no acampamento do Forte Independência, no porto de Boston. No fim de outubro, seu regimento teve ordem de seguir para o Forte Moultrie, em Charleston (Carolina do Sul).

JUVENTUDE

Os dois e meios anos que se seguem formam curioso intermédio na vida de um poeta. Poe passa o tempo, entre novembro de 1827 e dezembro de 1828, cumprindo os deveres militares de um soldado no Forte Moultrie. O forte estava localizado na ilha de Sullivan, à entrada do porto. O jovem soldado tinha muitas horas de lazer, que certamente gastava vagueando ao longo das praias, escrevendo poesias e lendo. Seus deveres militares eram leves e completamente burocráticos, pois os oficiais logo notaram que ele se adaptava melhor aos serviços de escritório do que à prática com canhões. Deste período e do que ele fez e imaginou, a melhor recordação é "O Escaravelho de Ouro", escrito muitos anos mais tarde, mas repleto de cenas de cor local exatas. As obrigações de Poe certamente o punham em estreito contacto com seus chefes. Ele era diligente, sóbrio e inteligente; e uma promoção logo se seguiu. Em breve o encontramos destacado para serviços especializados, primeiro passo fora da posição de soldado raso. Ele mesmo, porém sentiu que sua vida estava sendo desperdiçada e, em certa época de 1828, reatou a correspondência com seu pai de criação em Richmond, com o objetivo de solicitar uma reconciliação e volta à vida civil. Embora as cartas de Poe fossem tocantes, rogativas penitentes, seu tutor mostrou-se obstinado e o jovem permaneceu no seu posto, até dezembro de 1828, quando seu regimento teve ordens de seguir para o Forte Monroe, na Virgínia. Vendo que o tutor não lhe permitia voltar à casa, concebeu ele então a idéia de entrar em West Point. Mas alguns dos oficiais de seu regimento, e, de modo particular,um cirurgião, se interessaram por ele e trataram de exercer pressão sobre John Allan. A 1o. de janeiro de 1829, Poe, servindo ainda sob o nome de Perry, foi promovido a sargento mor de seu regimento, o posto mais alto para um engajado.

Suas cartas para casa tornaram-se mais insistentes e a elas acrescentavam-se agora os rogos da Sra. Allan, moribunda. Desejava ver seu "querido menino" antes de morrer. Por mais estranho que possa parecer, John Allan manteve-se firme até o último instante. Por

fim, mandou chamar seu filho de criação que se achava então apenas a poucas milhas de Richmond; mas era demasiado tarde. A Sra. Allan morreu antes que Poe chegasse à casa e, apesar de seu último pedido de não ser enterrada senão quando seu filho de criação voltasse, seu marido ordenou que se fizesse o enterro. Quando Poe chegou à casa, poucas horas depois, tudo quanto ele mais amava se achava na sepultura. Diz-se que sua angústia diante do túmulo foi extrema.

A Sra. Allan, todavia, arrancara de seu marido a promessa de não abandonar Poe. Realizou-se então uma reconciliação parcial e o Sr. Allan consentiu em ajudar o plano de Poe de entrar em West Point. Escreveram-se cartas para o coronel de seu regimento arranjou-se um substituto e o jovem poeta conseguiu dar baixa do Exército, a 15 de abril de 1829. Voltou a Richmond para passar pouco tempo.Poe não demorou muito "em casa". Arranjou, em grande parte por solicitação própria, numerosas cartas de recomendação para o Departamento da Guerra. Armado delas e de uma carta bastante fria de seu tutor, que afirmava: "Francamente, senhor, declaro que ele não tem parentesco nenhum comigo", partiu, mais ou menos 7 de maio, para Washington, onde apresentou as credenciais, inclusive numerosas recomendações de seus oficiais, concebidas nos mais elevados termos, para o Secretário da Guerra, Sr. Eaton. Longo período de quase um ano decorreu, durante o qual esteve em dúvida sua nomeação para West Point.Durante a maior parte deste período, de maio de 1829 até o fim daquele ano, residiu ele em Baltimore. Seu pai de criação enviava lhe de vez em quando pequenas somas, o suficiente apenas para mantê-lo vivo, e continuava frio e suspeitoso de suas boas intenções relativas a West Point. Entretanto, o jovem Poe, depois de ter sido roubado por um primo num hotel, procurou abrigo junto à sua tia Maria Clemm, irmã de seu pai.

Em casa desta boa mulher, que foi desde o princípio seu anjo da guarda, encontrou Poe sua avó, a Sra. Davi Poe Sênior, que era então mulher idosa e paralítica, seu irmão Henry e sua prima primeira Virgínia Clemm, menina de cerca de sete anos de idade. Mais tarde, veio ela a ser a esposa do poeta. Durante esta estada em Baltimore, esforçou-se Poe em tornar conhecido seu nome literário. Pouco depois de sua chegada, nós o vemos visitando William Wirt, que acabava de retirar-se de uma ativa vida política em Washington, autor das Cartas de um Espião Ingles e homem de considerável reputação literária. Poe deixou com Wirt o manuscrito de "A Aaraaf", e dele recebeu uma carta mais de conselho que de elogio. O incidente, porém, mostra que ele tinha em mãos, então, o manuscrito para um segundo volume de poemas. Consistia este de numerosas poesias que tinham aparecido no primeiro volume, bastante revistas, e algumas novas.

Seguiu então para Filadélfia e entregou o manuscrito a Carey, Lea & Carey, famosa firma editora de então, que exigiu uma garantia antes de imprimi-lo. Poe escreveu a seu tutor pedindo-lhe auxiliar com a soma de cem dólares a publicação do pequeno volume, mas recebeu uma negativa colérica e uma censura severa por pensar em tal coisa. A 28 de julho tinha ele, porém, ao que parece, arranjado a publicação do volume em Baltimore, e escreveu a Carey, Lea & Carey, retirando o manuscrito. Por intermédio de amigos e parentes de Baltimore, pôde seu nome chegar aos ouvidos de John Neal, então influente jornalista em Boston, e a obra a aparecer recebeu algumas noticias encorajadoras nos números de setembro e dezembro do Yankee de 1829. O volume mesmo, intitulado Al Aaraa/Tamerlão e Poemas Menores, foi publicado por Hatch & Dunning, em Baltimore, em dezembro de 1829. Um tanto abrandado por este êxito e a fama que ele atraiu, porém muito mais pela certeza de que seu filho de criação estava prestes a receber sua tão retardada nomeação para a Academia Militar, permitiu o Sr. Allan que Edgar voltasse a Richmond, onde ele permaneceu de janeiro a maio de 1830, na "grande mansão". Sua vida em Baltimore tinha sido assombrada pela pobreza e a volta a seu antigo modo de existência foi, sem dúvida, bem-vinda para Poe.

O Sr. Allan, porém, tinha razões particulares para desejar que seu pupilo estivesse fora de Richmond o mais cedo possível. Havia reatado relações íntimas com uma antiga companheira, após a morte de sua mulher, e achava-se agora esperando um mal vindo acréscimo aos seus filhos naturais. Renovaram-se as brigas com Poe. Depois de uma delas, peculiarmente amarga, escreveu Poe uma carta a um antigo conhecido do Exército, um sargento a quem devia pequena soma de dinheiro. Nesta carta, permitiu-se ele fazer uma infeliz afirmativa acerca de seu tutor. Esta carta foi mais tarde usada pelo homem para cobrar do Sr. Allan a quantia que lhe era devida e foi a causa final da expulsão de Poe.

A nomeação para a Academia Militar foi recebida em fins de março. Os exames do admissão eram processados em West Point no fim de junho e, em maio, Poe despediu-se de seu tutor e seguiu para a Academia Militar, visitando de passagem seus parentes em Baltimore. A primeiro de julho de 1839 prestou o juramento e foi admitido como cadete em West Point..

Poe permaneceu na Academia Militar dos Estados Unidos de 25 de junho de 1830 a 19 de fevereiro de 1831. Não pode haver dúvida de que a carreira militar não lhe agradava e que fora forçado a entrar nela pelo seu tutor, de cuja fortuna podia ainda esperar partilhar. O Sr. Allan, porem, achava já ter cumprido seu dever, estando Edgar colocado em cargo público, e sentia-se satisfeito por tê-lo afastado de Richmond. No dia em que Poe entrou para West Point, seu tutor foi presenteado com um par de gêmeos naturais, a quem mais tarde contemplou no seu testamento. Isto não o impediu, contudo, de casar-se pela segunda vez e a nova ligação tornou-o mais do que nunca inimizado com seu filho de criação.

Edgar Poe continuou a cumprir honrosamente seus deveres na Academia Militar, quando toda a esperança de qualquer auxílio no futuro da parte do Sr. Allan foi destruída por uma carta de Richmond, que o repudiava. O soldado havia apresentado a seu tutor a carta escrita por Poe, um ano antes, e extrema foi a cólera do Sr. Allan. Certificado de que toda esperança de ajuda financeira, vinda de Richmond, desaparecera agora, Poe resolveu tomar decisões próprias e deixar o Exército para sempre. Como não pudesse obter do Sr.Allan o consentimento para dar baixa, fez greve e deixou de comparecer às formaturas, às aulas e à igreja. Foi submetido a corte marcial e destituído por desobediente.

Enquanto se achava na Academia Militar, arranjara com Elam Bliss, editor nova-iorquino, a publicação dum terceiro volume de poemas, subscrita pelo corpo de estudantes da Academia.

Em fevereiro de 1831, seguiu para Nova York. Estava sem dinheiro, mal vestido, e quase morreu dum "resfriado", complicado com uma doença do ouvido interno, depois de ter chegado à cidade. Forçado a pedir desculpas, apelou de novo para seu tutor, mas em vão. Permaneceu em Nova York o bastante para ver seu terceiro volume fora do prelo. Intitulava-se Poemas, Segunda Edição, e continha um prefácio dirigido ao "Querido B", personagem desconhecido, no qual algumas das opiniões críticas do jovem autor, largamente procedentes de Coleridge, eram pela primeira vez expostas.

Depois de tentar baldadamente obter do Coronel Thayer, comandante de West Point, cartas de apresentação para Lafayette, a fim de juntar-se aos patriotas poloneses, que se tinham então revoltado contra a Rússia, Poe deixou Nova York e viajou de Filadélfia a Baltimore. Chegou a esta última cidade em dias do fim de março de 1831 e novamente passou a residir em Mechanics Row, Rua do Leite, com sua tia Maria Clemm, e a filha desta, Virgínia. Seu irmão Henry achava-se então de péssima saúde, "tendo-se entregue à bebida ", e moribundo. Poe passou os quatro anos seguintes, em em condições de

extrema pobreza. Era ainda obscuro e suas ações, na maior parte das vezes, são muito vagas. Alguns fatos porem, podem ser com certeza relanceados.

Durante a maior parte do período de Baltimore, deve ter Poe levado uma vida reclusa.. Começou então a voltar sua atenção para a prosa e conseguiu colocar alguns contos numa publicação de Filadélfia. Seu irmão Henrv morreu em agosto de 1831. Edgar continuava a morar com os Clemms. A família vivia atenazada pela pobreza e ele próprio, na maior parte do tempo, não gozava de boa saúde. De que vivia a família não se sabe bem. Foram feitas tentativas para interessar mais uma vez o Sr. Allan em favor dele, mas sem resultado. Nenhum auxílio veio de Richmond, exceto em certa ocasião em que, por causa duma dívida contraída por seu irmão Henrv, esteve Edgar em perigo de ser preso. O Sr. Allan enviou uma tardia resposta, que foi a última que Poe veio a receber dele. Sabe-se que Poe dedicou ardente interesse a Maria Devereaux, moça que morava perto da sua casa. Foi recusado e chicoteou o tio da moça. Por esta ocasião, freqüentava ele também as casas de seus parentes, os Poe e os Herring, especialmente estes últimos. Foi então, também, que se pôs a trabalhar com ardor, aperfeiçoando sua arte de contista e compondo o seu único drama, "Policiano".

Em outubro de 1833, concorreu a um prêmio de cinqúenta dólares, oferecido ao melhor conto apresentado a um jornal de Baltimore, The Salurday Visitor. O prêmio foi concedido, por uma comissão de cidadãos bem conhecidos, ao "Manuscrito Encontrado Numa Garrafa", de Poe.

Foi seu primeiro êxito assinalável e marca sua entrada no caminho da fama. O dinheiro veio-lhe em socorro as necessidades, mas o efeito mais importante do concurso foi o auxílio dado ao jovem poeta, agravado de pobreza, por John P. Kennedy, cavalheiro de Baltimore, bastante rico, de coração bondoso e, ele próprio, escritor de teatro. O Sr. Kennedy, por meio de vários e oportunos atos de caridade e de prestígio, fez Poe enveredar pela estrada do renome. Kennedy possibilitou a publicação de alguns dos contos de Poe e apresentou-o a Thomas White, editor do Southern Literary Messenger, que se publicava em Richmond (Virgínia). Poe começou então a colaborar, com críticas e contos, naquele periódico e finalmente foi convidado, em 1835, a ir para Richmond, como redator auxiliar.

Entrementes, o Sr. Allan havia morrido, em 1834, e no seu testamento não havia menção de Poe. Duas mal-avisadas viagens de Poe a Richmond, entre 1832 e 1834 tinham tido apenas como resultado afastar ainda mais de si seu antigo tutor e a família Allan. Mantiveram-se de mal até o fim. Em julho de 1835, Poe deixou Baltimore para assumir suas novas funções de redator, em Richmond.

Como jornalista, considerado simplesmente do ponto de vista do escritório e da cadeira, Poe constituiu um autêntico êxito. As assinaturas do Southern Literary Messenger se multiplicaram. O Sr. White não podia deixar de ficar bem satisfeito. Era homem bondoso e de boas disposições.

Bastante significativo da inabilidade de Poe em abandonar os estimulantes é o fato de que, poucas semanas depois de sua chegada a Richmond, achou-se desempregado. Voltou a Baltimore e ali se casou secretamente, a 22 de setembro de 1835, com sua prima primeira Virgínia Clemm. Tinha esta, naquela ocasião, mais ou menos apenas treze anos de idade e o casamento secreto originou-se da oposição dos parentes a uma união tão prematura. Poe apelou então, de novo, para o Sr. White, com promessas de abster-se da bebida e reassumiu seu antigo posto, sob condição de boa conduta e com uma paternal advertência. A Sra. Clemm e sua filha Virgínia acompanharam Poe a Richmond e ficaram morando com ele numa pensão, na Praça do Capitólio.Poe permaneceu em Richmond, como redator auxiliar do Sr. White, no Southern Líterary Messenger, do outono de 1835

até janeiro de 1837. Durante sua estada no jornal, a circulação deste aumentou de 700 para 3 500 exemplares, atraiu a atenção nacional e pode-se dizer que foi inicialmente devido a Poe que se tornou o periódico mais influente do Sul. Sua reputação foi depois mantida e aumentada por outros homens de considerável habilidade jornalística. A tarefa do jovem redator escalonava-se do mero trabalho mercenário de natureza francamente jornalística até a colaboração literária. Escrevia poemas, resenhas de livros, crítica literária geral e particular e histórias curtas, quer seriadas, quer completas. As notas sobre livros variavam desde o comentário sobre as memórias, de Coleridge, até as referências a livros tais como as Cartas da Senhora Sigourney às Moças; em resumo, desde as críticas bem raciocinadas e muitas vezes severas até às simples notícias com leve comentário critico. Alguns dos poemas que tinham anteriormente aparecido nos volumes de poesia a que já aludimos foram republicados, consideravelmente revistos. Poe continuou seguindo essa política de maior ou menor revisão constante e de republicação impressa durante toda a sua carreira. Entre os mais notáveis dos novos poemas que apareceram nessa ocasião contam-se "Para Helena", "Irene", ou "A Adormecida", "Israfel" e "Zante".

O tom geral da crítica literária nos Estados Unidos, ao tempo em que Poe começou a escrever para o Southern Literary Messenger, era um tanto superficial, servil ou nebuloso. O comentário do rapaz de Richmond era interessante, perturbador e renovador. Sua freqüente severidade provocava réplicas e observações e, embora suscitasse antagonismo em alguns setores, sua presença em cena e a mordacidade de seu estilo tornaram-se cada vez mais evidentes.

Muitas das estórias que Poe tinha preparado para os Contos do Fólio Clube. Em Baltimore , antes de receber o prêmio do Saturday Visitor, publicou-as então no Messenger. Estórias tais como "Metzengestein" - atraíram considerável atenção, como bem mereciam, e aumentaram não pouco a sua fama. Em algumas delas assinalada era já então observada e censurada. Tais comentários de censura, porém, não impediam que sua fascinação rara deixasse de ser sentida. Sob o título de "Pinakídia", o jovem jornalista publicou também, nessa ocasião, uma coleção do curiosas anotações, abrangendo vasto campo de interesse, tiradas de seu livro de notas. Muitas delas utilizou-as de novo, mais tarde, na Revista Democrática, com o título de "Marginalia". Por este tempo, Poe foi descrito como sendo "gracioso, de cabelos negros e ondulados, e magníficos olhos, usando colarinho à Byron e parecendo poeta da cabeça aos pés". O mais antigo retrato dele que se conhece data de seus primeiros dias no Messenger e o mostra com suíças e uma expressão um tanto sardônica para homem tão jovem. Mesmo naquela data ele era evidentemente um tanto frágil e delicado. Sua tez, que mais tarde se tornou completamente lívida, é descrita como tendo sido amorenada.

De seus negócios particulares, o mais importante acontecimento da época de Ríchmond foi seu segundo casamento com sua prima Virginia. As razões do mesmo parecem ser suficientemente claras. Fora clandestino o primeiro casamento em Baltimore, tendo como única testemunha a Sra. Clemm. Parentes influentes tinham-se oposto a ele e jamais fora tornado público. Todas as explicações foram evitadas por um segundo casamento em público, nada tendo sido dito a respeito do primeiro, e a 16 de maio de 1836 um contrato de casamento foi assinado no Juizado de Paz da cidade de Richmond, que dá Virgínia CIemm como tendo vinte e um anos. Na realidade, tinha ela menos de catorze anos de idade naquele tempo e a aparência de uma criança. O casamento realizou-se em uma pensão de propriedade de uma tal Sra. Yarrington, em companhia de amigos, tendo oficiado um teólogo presbiteriano chamado Amasa Converse. Depois de simples cerimônia o casal partiu para sua lua-de-mel, que se passou em Petersburgo, na Virginia, em casa de certo Sr. Hiram Haines, diretor do jornal local.

Poe estava de volta para Richmond e seu trabalho no Messenger em fins de maio de 1836. O Sr. White prometera-lhe um aumento de salário para mais tarde.Depois de seu casamento, na verdade algum tempo antes, a correspondência do poeta com parentes e amigos mostra que ele desejava montar casa. O plano seguido era solicitar dinheiro para que a Sra. Clemm e Virgínia pudessem estabelecer uma pensão. Embora alguns pequenos auxílios, "empréstimos", fossem obtidos, o plano fracassou e a pequena família mudou-se para uma casa barata na Rua Sete, onde parece que ficou até o fim de sua estada em Richmond.

Poe continuou seu trabalho redatorial e, como resultado de sua observação, experiência e ambição, começou a desenvolver-se em sua mente um plano cujos começos podem ser rastreados desde Baltimore. Esperava montar e ser o editor de um grande magazine literário nacional. De que Poe foi um dos primeiros homens na América a compreender as possibilidades do jornalismo moderno, no que se refere a um magazine, não resta a menor dúvida. Desde então, e até o fim de sua história, foi esse o plano acarinhado de sua vida. O infortúnio e a sua própria personalidade, mais do que as teorias que a respeito do jornalismo entretinha, foram os responsáveis pelo seu fracasso na realização de tal ambição.

Começou então a pensar em seguir para o Norte, a fim de montar a nova publicação, mudança que a fama crescente e os atritos sempre numerosos com seu redator-chefe serviram para apressar. Poe era brilhante, mas inadaptado ao trabalho em posição subalterna. Deve-se, com toda justiça, dizer que o Sr. White foi paciente. Foi porém dominado, em várias ocasiões, pelo seu versátil e jovem redator e há também indicações de que, no outono de 1836, havia Poe mais uma vez decaído de suas boas graças e, a despeito de suas promessas bem intencionadas a White, estava-se entregando de novo, de vez em quando, à bebida. Em adendo a isto, parece ter-se ele mostrado incontentável. Tirando vantagem de relações que fizera por correspondência com homens de Nova York, tais como o Prof. Charles Anthon, John K. Paulding, os irmãos Harper e outros, decidiu mudar-se para aquela cidade.

Em conseqüencia, em janeiro de 1837, liquidou seus negócios com o Southern Literary Messenger e com o Sr. White e, levando a família consigo, partiu para Nova York. Parece que ali chegaram mais ou menos em fins de fevereiro de 1837 e se alojaram na esquina da Sexta Avenida com a Praça Waverly, partilhando um andar com um tal William Gowans, livreiro, que prestou consideráveis serviços a Poe.

Antes de deixar Richmond, no verão de 1836, fizera Poe várias tentativas de reunir as estórias contidas nos Contos do Fólio Clube e publicá-las em volume. Os manuscritos tinham sido anteriormente deixados em Filadélfia com Carey & Lea, que os conservaram durante algum tempo para examiná-los, mas finalmente os haviam devolvido ao autor, menos uma estória, em fevereiro de 1836. Poe enviou-os para .J. K. Paulding, em Nova York, que os submeteu à apreciação dos Harpers. O resultado foi outra recusa. Paulding escrevera a Poe, contudo, quando devolveu os contos, sugerindo uma longa narrativa em dois volumes, em formato bem popular. Em conseqüencia desta sugestão surgiu uma comprida estória de aventuras, naufrágio e horríveis sofrimentos no então desconhecido hemisfério meridional. Chamou-se "A Narrativa de Artur Gordon Pym" e foi finalmente aceita pelos Harpers, que a publicaram em 1838, nos Estados Unidos. Wiley & Putnam fizeram uma edição na Inglaterra, onde mais tarde a plagiaram. Foi o primeiro livro de prosa de Poe, embora seu quarto livro publicado, havendo precedido três volumes de poesia. A estória apareceu em séries no Southern Literary Messenger mesmo depois de ter Poe cortado suas relações redatoriais. Era dada como escrita pelo próprio Artur Gordon Pym e o verdadeiro autor apenas vinha mencionado no prefácio. O tipo de estória de aventuras que a "Narrativa de Artur Gordon Pym" seguiu de perto era popular naquele tempo. Poe deixou simplesmente que sua imaginação se entretivesse com materiais

conhecidos, encontrados em livros tais como O Motim do Bounty, a Narrativa de Quatro Viagens ao Pacífico, de Morell, e similares. Seu entusiasmo do momento pelo Antártico parece ter surgido dos preparativos então feitos por um tal J. N. Reynolds para uma expedição do Governo àquelas partes. Nathaniel Hawthorne estava também interessado no mesmo plano, que, porém, deu em nada. O êxito do livro foi pequeno e trouxe ao autor muito pouca fama e menos dinheiro ainda.

Pouco tempo depois de sua chegada a Nova York, Poe, Virgínia e a Sra. Clemm mudaram-se para uma pequena casa, na Rua Carmine, n.0 13½, onde a Sra. Clemm aceitou pensionistas para poder se manter. Poe estava ganhando quase nada. Era um período de pânico financeiro, sendo quase impossível obter-se trabalho literário. Os Poe foram acompanhados à sua nova residência pelo livreiro Gowans, que parece ter apresentado o poeta a numerosos literatos, mas com pouco resultado. A pobreza da família era agora extrema. A despeito disso, contudo, Poe continuou a escrever. As principais notícias que se podem ter desta primeira, mas um tanto breve, estada em Nova York referem-se a uma resenha de "Arabia Petraea", na Revista de Nova York, "Silêncio (Fábula)", publicado no Baltimore Book, e um conto chamado "Von Jung, o Místico" (Mistificação) que apareceu no American Monthly Magazine, de junho de 1837.

Os planos de iniciar um magazine de sua propriedade não devem ter encontrado aceitação naquele tempo, devido à depressão financeira. Poe, na verdade, não era capaz de obter até mesmo um lugar de redator secundário, ou o suficiente trabalho mercenário que lhe garantisse a subsistência. Seus atos desse tempo hão de permanecer para sempre um tanto obscuros. Provavelmente por intermédio de Gowans, foi posto em contato com James Pedder, inglês de capacidade literária quase nula, mas homem bondoso. Pedder, por esse tempo, ocupava-se em obter, para si mesmo, ligações com magazines de Filadélfia, onde suas irmãs residiam. Por intermédio dele parece bastante provável que Poe foi induzido a deixar Nova York e mudar-se para Filadélfia, então o grande centro editorial dos Estados Unidos. Seja como for, nós o encontramos em Filadélfia pelos fins de agosto de 1838, pensionista, juntamente com sua família e James Pedder, de uma casa de cômodos mantida pelas irmãs do inglês na Rua Doze, um pouco acima de Mulberrv (Arch).

Poe achou-se logo definitivamente encarregado de dois projetos literários, a edição de um compêndio de Concologia e a de há muito adiada publicação de seus contos escolhidos. Logo depois de sua chegada a Filadélfia, Poe mudou-se para mais perto das livrarias e tipografias da cidade baixa, para uma casa de número 4 da Rua Arch (então Mulberry), onde continuou até 4 de setembro de 1838. Estava agora encarregado de editar o "Primeiro Livro do Concologista, ou Sistema de Malacologia dos Testáceos", compêndio ao qual ele emprestou seu nome.

Foi um mero trabalho mercenário, e nada tem que ver com os originais e artísticos de Poe. O livro é bastante procurado pelos colecionadores. São conhecidas pelo menos umas nove edições dele, tendo sido a primeira publicada em abril de 1837, por Barrington e Haswell. Poe escreveu o prefácio e a introdução e foi auxiliado no arranjo do texto e das ilustrações por um tal Sr. Isaac Lee e pelo Prof. Thomas Wyatt, De Blainville e Parkinson são citados, e Cuvier profusamente aproveitado. As belas gravuras de conchas foram furtadas do Compendio dos Concologistas, trabalho dum inglês Thomas Brown, a quem não foram dadas satisfações.Posteriormente foi Poe atacado por causa disso e acusado de plágio. A verdade é que o costume de furtar material para livros escolares era então quase universal e muito pouco censura se pode fazer realmente a Poe. Recebeu 50 dólares pela utilização de seu nome como redator . Na série dos volumes publicados por Poe é este o quinto.

Esse compêndio escolar era apenas uma transação financeira. Poe voltou a atenção para publicação de seus contos. Arranjou-se publicar suas estórias escolhidas sob o título de Contos do Grotesco e Arabesco em dois delgados volumes. Foram publicados em dezembro de 1839 por Lea & Blanchard, de Filadélfia. A página do título traz a data de 1840. O autor não recebeu direitos autorais pelo seu trabalho, mas apenas uns poucos exemplares para distribuir com seus amigos. O editor assumiu o risco, não muito agradável, pois os volumes se venderam muito devagar. Havia catorze estórias no primeiro volume e dez no segundo, compreendendo o total todos os contos publicados até aquela ocasião pelo autor e "Por que o francesinho Está com a Mão na Tipóia ", só aparecido mais tarde. Foi esta a sexta aventura de Poe com um volume impresso, nenhum dos quais fora de modo algum um êxito do ponto de vista financeiro.

MATURIDADE

ENTREMENTES havia-se Poe assegurado um emprego com William E. Burton, editor do Burton's Gentleman's Magazine. O Sr. Burton era um inglês, ator, nas melhores condições para a farsa grosseira, empresário teatral e jornalista. Poe colaborou nesse magazine, com resenhas bibliográficas, artigos sobre esporte, pelo menos com cinco, contos notáveis e alguns poemas, sendo ''Para Alguém no Paraíso'' o mais notável destes. Foi no magazine de Burton que apareceram "A Queda do Solar de Usber", "William Wilson" e "MoreIa". Ao mesmo tempo Poe correspondia-se com várias figuras literárias, entre as quais era Washington Irving a mais eminente.A ligação de Poe com Burton não durou muito tempo. Houve numerosos atritos entre os dois. Duma feita, Poe se retirou, mas foi induzido a voltar. Seu salário era pequeno, seu trabalho inadequado e um tanto intermitente. Passava novamente mal de saúde, não sendo certo se devido, em parte, ao uso de excitantes. De qualquer forma, ele e o Sr. Burton não podiam concordar. Este último vendeu seu magazine a George Rex Graham, em outubro de 1840, e Poe foi conservado pelo novo editor, um dos mais capazes jornalistas da época. Devido à má saúde não assume Poe suas funções no novo magazine de Graham senão em janeiro de 1841, quando se tornam plenamente evidentes em suas páginas traços de sua pena.

Estava ele então morando numa pequena casa de tijolos, na junção da Rua Coates e Fairmont Drive, em Filadélfia, para onde se tinha mudado, provavelmente no outono de 1839. Foi dessa residência que ele deu a lume, no outubro de 1840, seu "Prospecto do Penn Magazine, jornal literário mensal, a ser redigido e publicado na cidade de Filadélfia, por Edgar A. Poe". Neste prospecto as teorias de Poe, a respeito de um magazine, são completamente postas a claro. Esperava receber bastantes assinaturas para prover-se de fundos, a fim de lançar a empresa. Numerosíssimas pessoas subscreveram, mas os negócios do editor em perspectiva estavam em tais condições que ele foi forçado a abandonar seu plano, a fim de aceitar uma posição de assalariado, junto ao Sr. Graham.

O Penn Magazine foi, em conseqüência, adiado, ao passo que Poe aceitava um lugar em casa de Graham, por 800 dólares por ano.

O êxito do Graham's Magazine foi fenomenal. As assinaturas montaram de 5 000 a 40 000, em cerca de dezoito meses, sendo o aumento devido à capacidade redatorial de Poe, ao número de artigos e poemas garantidos pela colaboração de notáveis escritores, por ele solicitada, e pela política do Sr. Graham, que era profuso nas ilustrações e bastante generoso nos honorários aos autores.O período da sociedade de Poe com o Sr. Graham, que durou de janeiro de 1841 a abril de 1842, foi o período financeiro mais folgado de sua vida. Seus lucros eram pequenos, mas suficientes para mantê-lo e à sua família com algum conforto. Foi por esta época que ele iniciou o conto de raciocínio e publicou "Os Crimes da Rua Morgue" e outras estórias de crime e sua descoberta. Interessou-se também bastante por criptogramas e sua solução, e, em 1842, publicou no Dollar

Newspaper, a 20 de junho daquele ano, sua estória do "Escaravelho de Ouro", na qual a solução dum papel cifrado faz parte do enredo. Por esta estória recebeu um prêmio de 100 dólares. Alguns dos mais reputados trabalhos de Poe apareceram no magazine de Graham e atraíram assinalada atenção. Começou então a tornar-se vasamente conhecido como competente redator, crítico brilhante e severo, escritor de estórias arrepiantes e poeta.
Sua sociedade com Graham foi, porém, de curta duração. Não suportava sua posição subalterna, com tão pequeno salário, esperançoso de lançar seu magazine próprio, e também deu para beber. Em abril de 1842, suas "irregularidades" levaram o Sr. Graham a empregar Rufus Wilmot Griswold, o mais notável antologista americano daquela época, e competentíssimo redator, em lugar de Poe. Encontrando-o um dia Griswold na sua cadeira, Poe deixou as oficinas do magazine e nunca mais voltou, embora continuasse a colaborar para ele, de vez em quando.

Em breve se tornou um livre-atirador, escrevia onde e quando podia, tentou obter um emprego do Governo, na Alfândega de Filadélfia, por meio de amigos em Washington, e de novo tentou lançar seu próprio magazine, agora projetado como O Estilo. Estava prestes a ser bem sucedido, mas uma visita a Washington, em março de 1843, quando infelizmente se embebedou e exibiu sua fraqueza, mesmo na Casa Branca, arruinou suas mais profundas esperanças. Até mesmo seu melhor amigo, F. W. Thomas, novelista secundário e político do tempo, nada mais podia fazer por ele. O infortúnio de agora por diante lhe segue os passos.

Sua mulher Virgínia estava a morrer de tuberculose e tinha freqüentes hemorragias. Ele mesmo começou a recorrer à bebida mais do que antes. Há também algumas provas de que se haja utilizado de ópio. Foi mandado para Saratoga Springs, para recuperar a saúde, e voltou a Filadélfia, onde quase morreu duma lesão cardíaca. Naquela ocasião, 1844, estavam residindo os Poe no n.0 234 (agora 530) da Rua Sete do Norte, em Filadélfia, numa casa ainda hoje de pé. Ali, embora visitado por vários amigos leais, entre os quais se contavam o romancista Capitão Mayne Reid, George Rex Graham, o gravador Sartain, o editor Louis Godey, o ilustrador F. O. C. Darley, o poeta Hirst, o editor Thomas Clarke e outros, experimentava Poe os tormentos da pobreza e do desespero. Correspondia-se com James Russell Lowell e outras pessoas notáveis, mas era incapaz, por várias causas, largamente devidas a seu temperamento e a suas condições físicas, de lutar contra o mundo. Certa vez, no outono de 1843, fez uma tentativa abortada de publicar nova edição de seus contos, com o título de Romances em Prosa de Edgar A. Poe. Houve uma pequena edição em brochura, para ser vendida a 12 e meio cêntimos, mas o n.0 1, contendo "Os Crimes da Rua Morgue" e "O Homem que Foi Desmanchado", é o único da série que se saiba tenha aparecido, embora se conheça a existência dum exemplar, contendo apenas a primeira estória. Do ponto de vista do colecionador é este o mais raro de todos os volumes de Poe. O opúsculo foi o sétimo dos trabalhos impressos de Poe. Nenhuma recompensa lhe adveio

Reduzido à mais horrenda necessidade e encontrando todos os caminhos fechados para si, em Filadélfia, resolveu então voltar para Nova York. A Sra. Clemm ficou, para fechar a casa, e a 6 de abril de 1844, levando sua mulher inválida consigo, Poe seguiu para a cidade de Nova York. Chegou ali na mesma noite, com quatro dólares e meio nos bolsos e sem fins definidos.

Poe e sua mulher doente acharam abrigo numa humilde pensão da Rua Greenwich, n.0 130. Com imediata necessidade de dinheiro, lançou uma de suas pilhérias favoritas, escrevendo uma estória de falsas notícias para o Sun, de Nova York, mais tarde publicada com o titulo de "A Baleia do Balão". Tais "balelas" eram "populares" naquele tempo e favorecidas pelos diretores de jornais. A estória era hábil, é notável mesmo agora, e divertiu milhares de pessoas naquele tempo - com grande satisfação para Poe. O dinheiro

assim ganho possibilitou a vinda da Sra. Clemm, de Filadélfia, para juntar-se aos dois em Nova York.

Deixando a família na pensão da Rua Greenwich, Poe passou a morar sozinho então, na pensão duma Sra. Foster, n.0 4, da Rua Ana. Durante a primavera e o verão de 1844, conseguiu arranjar o bastante, com artigos vendidos, alguns dos quais apareceram no Columbia Spy (Pa.), no Godey's Lady's Book, no Ladies' Home Journal da época, para manter-se e manter dificilmente a família.

A saúde de Virgínia piorava constantemente e, no começo do verão de 1844, toda a família se mudou para uma fazenda, localizada na estrada de Bloomingdale, onde é hoje a Rua 84 e Broadway. A fazenda era de propriedade dum bondoso casal de irlandeses, com numerosa família, os Brennans. Ali, durante uns poucos meses, no que era então uma encantadora solidão rural, no formoso vale Hudson, parece que Poe gozou breve período de paz. Durante este intervalo, compôs "O Corvo", ou antes, deu-lhe a redação final, pois que se sabe que poema já existia em versões mais antigas, que remontam a 1842. A própria idéia do corvo foi tirada do Barnaby Budge. Durante o verão, manteve Poe correspondência com James Russel Lowell que estava escrevendo uma curta biografia de Poe, de Graham, e com o Dr. Thomas Holley Chivers, poeta da Geórgia, cuja obra influenciou certamente o autor de "O Corvo ".

No outono , achou-se o poeta novamente sem recursos e a Sra. Clemm poe-se então, decididamente, em campo para arranjar-lhe algum trabalho pago. Foi ter com Nathaniel P. Willis, então diretor do Evening Mirror, de Nova York, e persuadiu-o a empregar Poe em funções redatoriais de menos importância. Em certo dia do outono de 1844, a família mudou-se de novo para uma pensão, na cidade, na rua da Amizade número 15, em Nova York, onde ocuparam poucos quartos.

Poe continuou a fornecer trabalhos de ocasião para o Willis, e também pelas colunas do Mirror, encontrou a oportunidade de chamar a atenção sobre si, dando umas notas favoráveis das poesias de Miss Barrett (mais tarde Sra. Robert Browning) e metendo-se num infeliz ataque contra Longfellow, conhecido como "A Pequena Guerra de Longfellow", com numerosas repercusões.

Em fins de 1844, estava Poe prestes a cortar relações com Willis, que se conservou seu amigo fiel até o fim. Por intermédio dos bons ofícios de Lowell, fora Poe posto em contacto com alguns jornalistas secundários das vizinhanças de Nova York, que se preparavam para lançar um novo semanário, que se chamaria o Broadway Journal. Para esse jornal foi Poe contratado, com funções redatoriais mais importantes do que as que lhe poderia oferecer Willis.

Em janeiro de 1845, o poema de Poe "O Corvo" foi publicado anonimamente no Evening Mirror, antes de seu aparecimento na Amencan Whig Review, de fevereiro. Provocou furor, e no sábado, 8 de fevereiro de 1845, o Sr. Willis tornou a publicá-lo, sob o nome do autor, no Evening Mirror. A reputação de Poe tomou imediatamente o aspecto da fama que nunca mais veio a perder.
É inútil dizer que nenhum poema na América jamais se tornara tão popular. O poeta continuou a redigir o Broadway Journal, onde prosseguiu na polêmica com Longfellow, resenhou livros, publicou e republicou suas poesias, escreveu resenhas dramáticas e críticas literária, e reimprimiu muitas de suas estórias, agora mais avidamente lidas, por provirem de uma pena famosa. Estava-se também preparando para tornar-se proprietário do Broadway Journal e, com este fim, endividou-se, enquanto querelava com Briggs, um de seus sócios.

Começou então, também, pela primeira vez, desde seus antigos dias de Richmond, a levar uma vida menos solitária e a freqüentar uma sociedade semi literária e artística. Poe foi bastante visto, durante o inverno de 1845, nos "salões" de vários escritores e de menores luminares da sociedade de Nova York, que eram conhecidos como "os literatos".

Por intermédio do Sr. Willis conheceu uma tal Sra. Fanny Osgood, mulher de um artista de alguma importância e poetisa de segunda ordem, com quem ele logo travou uma amizade íntima, senão amorosa. Acompanhava-a por toda parte, a tal ponto que ela se viu finalmente obrigada, por causa do escândalo provocado e por causa de seu próprio estado de tuberculose, a seguir para Albany. Poe acompanhou-a até ali, depois a Boston, e dali a Providência, em Rhode Island, onde, num passeio solitário, tarde da noite, viu pela primeira vez uma tal Sra. Helen Whitman, com quem mais tarde tratou casamento. O segundo poema chamado "A Helena" celebra esse encontro.Lowell visitou Poe em Nova York, na primavera de 1845, e encontrou-o levemente embriagado, nos seus aposentos da Broadway, 195, para onde ele se havia recentemente mudado. Em julho, o Dr. Chivers também o visitou e viu-o, certas vezes, sob a influência do álcool, mas, não obstante, com as características de seu gênio.

Os negócios de Poe, a despeito de sua crescente fama, não prosperavam.

Publicou uma série de artigos no Godey's Lady's Book, sobre os literatos de Nova York. Eram esboços pessoais, combinados com os obiter dicta do autor e um traço de crítica literária, que causaram considerável rumor naquele tempo e, em um ou dois casos, envolveram Poe em questões pouco dignas. Os "Artigos Sobre os Literatos" não pertencem á crítica literária mais séria de Poe, mas são essenciais como um comentário fácil e contemporâneo sobre pessoas que ele conhecia, a maior parte delas obscuras.

Em fins de 1845, apesar de seus desesperados esforços, o Broadway Journal faliu, deixando seu redator, e já naquele tempo seu único proprietário, endividado, desanimado e doente. Virgínia, sua mulher, continuava a definhar e aproximava-se da morte. Poe achava-se, mais uma vez, sem meios de vida. Entretanto, tinha-se mudado de novo para a Rua da Amizade, n.0 185. Uma infeliz conferência em Boston, no outono daquele ano, tinha proporcionado uma oportunidade a Poe, então em sério estado nervoso, de fazer mais ou menos uma exibição de si mesmo. O caso foi aproveitado pelos seus inimigos de Nova York, que o exploraram muito. Tudo isso contribuiu para aumentar sua depressão. Apesar disso, porém, conseguira dar a lume, em junho de 1845, seus Contos, coleção de estórias suas, selecionadas por E. A. Duyckinck, hábil editor, e publicada por Wiley & Putnam. Seguiu-se-lhe, em dezembro de 1845, O Corvo e Outros Poemas, seleção de seus versos, editada pelo mesmo livreiro. Na série de trabalhos de Poe surgidos durante sua vida, constituem estes dois, respectivamente, os livros oitavo e nono. Os Contos foram, em alguns casos, publicados em dois volumes e ambas as edições obtiveram pouco êxito. Ao mesmo tempo, sabia-se que Poe estivera a trabalhar numa antologia de vários escritores americanos, em que se ocupava de vez em quando, durante vários anos. Nunca foi publicada, embora existam alguns fragmentos do manuscrito.

Os negócios de Poe e a saúde do Virgínia urgiam mais uma vez uma mudança para o campo. Enquanto Poe viajava para Baltimore, a fim de fazer conferências, na primavera de 1846, a Sra. Clemm e Virgínia foram de novo passar uma temporada na fazenda de Bloomingdale. Poucas semanas depois, encontramos a família toda, numa casa de fazenda, na "Baía da Tartaruga", atualmente Rua 47 e East River. A estada ali foi breve. Poe alugou uma casinha de campo de madeira em Fordham, então uma pequena aldeia, a cerca de quinze milhas de Nova York, e para ali a família se mudou, em fins de maio de 1846.

Na casinhola de Fordham, ainda conservada como relíquia no Parque de Poe, na cidade de Nova York, o poeta e sua bondosa sogra, Maria Clemm, sofreram juntos os extremos da tragédia da pobreza, da morte e do desespero. O verão de 1846 foi amargurado por uma violenta briga com um tal T. D. English, a quem Poe havia atacado azedamente nos "Artigos Sobre os Literatos". English então replicou e depois de um encontro pessoal com Poe acusou-o de falsificação, no Mirror, de Nova York. Poe processou o jornal e conseguiu receber pequena quantia como indenização, em fevereiro de 1847.

A saúde de Poe era excepcionalmente má. Sua mulher continuava a definhar rapidamente e ele próprio nem podia escrever bastante nem obter emprego. Durante a maior parte do tempo, a Sra. Clemm, graças a vários artifícios e ardis, conseguiu alimentá-los. Ela, ao mesmo tempo, pedia emprestado e mendigava e viu-se mesmo reduzida à necessidade de cavar legumes, à noite, nos campos das fazendas vizinhas. Com a chegada do tempo frio, as visitas de amigos e pessoas curiosas da cidade cessaram e os Poe foram deixados sozinhos, em face dos rigores do inverno, sem combustível ou suficientes roupas e alimentos. Sob tais rigores, Virgínia definhava rapidamente. Jazia numa cama de palha, enrolada no capote de seu marido e com um gato de estimação no colo, para fornecer-lhe calor. Em dezembro de 1846, a família foi visitada por uma amiga de Nova York, a Sra.Maria Luisa Shew, que encontrou Virgínia moribunda e Poe e sua "mãe" sem recursos. Graças à sua bondade e um apelo público pelos jornais, as necessidades imediatas da família foram aliviadas e Virgínia pôde morrer em relativa paz, nos fins de janeiro de 1847. Foi enterrada em Fordham, mas depois removida para o lado de seu marido, em Baltimore.

O FIM

DEPOIS DA MORTE de Virgínia, a Sra. Clemm continuou a tratar de Poe, que pouco a pouco voltou a um estado de saúde um tanto melhor. A Sra. Shew auxiliou-a nisso, mas se viu por fim obrigada a retirar-se, devido às exigências amorosas de seu paciente. Ajudado por seus amigos, mais uma vez começou Poe a aparecer em público. Em Fordham, escrevera ele "Eureka", longo "poema em prosa", de forma semi científica e metafísica, que foi publicado em março de 1848, por Geo B. Putnam, de Nova York. Foi este o décimo e último dos livros do poeta, publicados durante sua vida, embora se saiba existir uma edição de seus contos, datada de 1849. A natureza de "Eureka" impediu-o de se tornar popular. Poe começou a fazer então conferências, depois de uma viagem a Filadélfia, no verão de 1847, quando outra recaída na bebida quase se revelou fatal.

O fim de sua vida foi assinalado pela publicação de alguns de seus mais notáveis poemas, "Os Sinos", "Ulalume", "Annabel Lee" e outros, e por sua paixão por diversas mulheres.
Durante várias viagens, a fim de pronunciar conferências em Lowell, Massachusets, e Providência, em Rhode Island, ficou ele conhecendo Annie Richmond e Sara Helen Whitman, a primeira, uma mulher casada, e a última, viúva, de certa reputação literária e de considerável encanto.

Depois de uma visita a Richmond, na Virgínia, no verão de 1848, na qual tentou travar um duelo com um tal Daniel, redator de um jornal de Richmond, de novo entregou-se à bebida. Começou a fazer a corte à Sra. Whitman, visitando-a muitas vezes em Providência e mantendo uma intensa correspondência. Por fim obteve o seu hesitante consentimento para casar-se com ele, sob a condição de que se abstivesse da bebida. Porém, então num estado de triste aturdimento, achava-se "apaixonado", ou tão escravizado à simpatia da Sra. Richmond que, numa tentativa de pôr fim aos seus impossíveis problemas amorosos, tentou suicidar-se, ingerindo láudano, em Boston, em novembro de 1848. A dose foi apenas um vomitório e ele sobreviveu.

No dia seguinte, num estado que raiava pela loucura, apareceu em Providência e suplicou à Sra. Whitman que cumprisse sua promessa. Ela; ao que parece, na esperança de talvez salvá-lo, estava inclinada a casar com o poeta, mas a oposição dos parentes e outra volta a bebedice da parte de Poe, finalmente levaram-na a despedi-lo . Grandemente pesaroso voltou para Fordham, na mesma noite. Para os confortadores cuidados da pobre da senhora Clemm, que se preparava com relutância para acolher uma noiva.

Poe, tentou abafar o negócio e liquidá-lo com certa fanfarronice. Haviam divulgado, porém, notícias que causaram considerável escândalo. Ele se pôs então a escrever com renovada atividade, enquanto continuava sua correspondência com a Sra. Richmond. A infeliz ,persistia em acompanhar-lhe os passos como um cão. Magazines que haviam aceitado seu trabalho faliam, ou suspendiam pagamento, sua saúde novamente piorou, e a Sra. Clemm viu-se obrigada a cuidar dele, em meio do delírio. Finalmente um melhor, mas simples fantasma de si mesmo, empreendeu reviver seu plano de um magazine, O Estilo, e, com capital fornecido por um admirador do Oeste, E. H. N. Patterson, partiu para Richmond (Virgínia), na primavera de 1849, esperando obter auxilio ali de velhos amigo. A Sra. Clemm ficou em Nova York, em casa duma poetisa, em Brooklyn, que devia favores a Poe.

A caminho de Richmond, Poe se deteve em Filadélfia, onde começou de novo a beber, andando a vagar num estado de demência .Por fim foi salvo da prisão e tirado das ruas por alguns amigos fiéis, que reuniram a quantia suficiente para enviá-lo a seu destino.

Avisado pelo que fora uma quase aproximação da morte em Filadélfia, Poe lutou com todas as forças que lhe restavam para abster-se da bebida, e durante algum tempo conseguiu-o. Em Richmond, pôde, com auxílio de velhos amigos e de outras pessoas, que agora reconheciam tanto sua fraqueza quanto seu gênio, encenar uma breve rentrée. Fez conferências em Richmond e em Norfolk com grande êxito; apareceu com aplausos e dignidade na sociedade, e se tornou, finalmente, depois de alguma dificuldade mais uma vez merecedor de obter a promessa de casamento de seu amor da mocidade, Elmira Royster - agora Sra. A. B. Shelton, viúva em boa situação.

Os preparativos para o casamento prosseguiram. A data foi marcada. Por algum tempo, parecia que o romance da mocidade do poeta com Elmira ia merecer a recompensa de sua mão e de um vultoso quinhão da viúva, em meio da vida.

Cartas foram escritas à Sra. Clemm participando o estado de coisas, e Poe estava pronto a voltar a Nova York, a fim de trazê-la a Richmond, para assistir ao casamento. Pouca dúvida pode haver de que em todos esse planos visse Poe não apenas a volta de sua "perdida Lenora", mas uma velhice confortável, preparada para a Sra. Clemm, refúgio contra o mundo e vitória sobre a pobreza.

Até o fim, escrevia ele à Sra. Clemm, dizendo que ainda amava a Sra. Annie Richmond e desejava que o "Sr. R. " morresse. Com esta carta, uma das últimas que escreveu, a curiosa história de seus amores acaba em contradição e ambigüidade, como começara.

Tomando algum pouco dinheiro, que recebera do produto de uma conferência, realizada pouco antes de sua partida, Poe deixou Richmond, de manhã bem cedo, a 23 de setembro de 1849. Passara a tarde anterior com a Sra. Shelton e o casamento fora marcado para 1o. de outubro. Poe não conseguira abster-se completamente de beber enquanto estivera em Richmond, e se encontrava indubitavelmente num estado anormal, quando partiu. O inquérito, porém, mostra que ele se achava perfeitamente sóbrio naquela ocasião particular.

Viajou de navio até Baltimore e ali chegou a 29 de setembro. (que lhe aconteceu, naquela cidade, não pôde ser exatamente afirmado até hoje. Desenrolava-se uma eleição e a maioria das provas aponta o fato de que ele começou a beber e caiu nas mãos duma quadrilha de eleitores que provavelmente lhe ministraram algum licor com drogas e o fizeram votar. A três de outubro, foi encontrado pelo Dr. James E. Snodgrass, velho amigo, em horrível estado na sórdida taberna da Rua Lombard. Mandando avisar um parente de Poe, o Dr. Snodgrass levou o poeta, agora inconsciente e moribundo, num carro, até o Hospital Washington e pô-lo sob os cuidados do Dr. J. J. Moran, que era o médico-residente. Seguiram-se muitos dias de delírio, com apenas poucos intervalos de lucidez parcial.. Chamava repetidamente por um tal "Reynolds" e revelava todos os indícios de extremo desespero. Finalmente, na manha de domingo, 7 de outubro de 1849, aquietou-se e pareceu repousar por breve tempo. Depois, movendo devagar a cabeça, disse: "Senhor ajudai minha pobre alma."
E assim morreu, como vivera - em grande miséria e tragicamente.

O HOMEM E A OBRA
CHARLES BAUDELAIRE

É UM PRAZER bem grande e bem útil comparar os traços fisionômicos dum grande homem com suas obras. As biografias, as notas sobre os costumes, os hábitos, o físico dos artistas e dos escritores sempre suscitaram uma curiosidade bem legítima. Quem não procurou algumas vezes a acuidade do estilo e a nitidez das idéias de Erasmo, no recorte acentuado de seu perfil, o calor e o tumulto de suas obras na cabeça de Diderot e na de Mercier, onde um pouco de fanfarronada se mistura à bonomia; a ironia obstinada do sorriso persistente de Voltaire, sua careta de combate, o poder de comando e de profecia no olhar lançado para o horizonte, e a sólida figura de José de Maistre, águia e boi ao mesmo tempo?

Quem não se deu ao engenhoso trabalho de decifrar a Comédia Humana na fronte e no rosto potentes e complicados de Balzac?

Edgar Poe era de estatura um pouco abaixo da média, mas todo o seu corpo era solidamente constituído. Tinha pés e mãos pequenos. Antes de vir a ter sua compleição combalida, era capaz de maravilhosas proezas de força. Dir-se-ia que a Natureza, e creio que isso já foi muitas vezes observado, torna a vida bastante dura àqueles de quem deseja extrair grandes coisas. De aparência muitas vezes mesquinhas, são talhados como atletas, tão bons para o prazer como para o sofrimento. Balzac, assistindo aos ensaios de Recursos de Quinola, dirigindo-os e desempenhando ele próprio todos os papéis, corrigia provas de seus livros; ceava com os atores, e quando toda a gente fatigada ia dormir, entregava-se ele de novo vivamente ao trabalho. Todos sabem que enormes excessos de insônia e de sobriedade praticou ele.

Edgar Poe, na mocidade, se distinguira bastante em todos os exercícios de destreza e de força; isto condizia um pouco com seu talento: cálculos e problemas. Um dia apostou que partiria dum dos cais de Richmond, que subiria a nado umas sete milhas o rio James e voltaria a pé no mesmo dia. E o fez. Era um dia ardente de verão. Nem por isso passou lá tão mal.

Aspecto, gestos, marcha, posição da cabeça, tudo o assinalava, quando se achava ele nos seus bons dias, como um homem de alta distinção. Era marcado pela Natureza, como essas pessoas que, num grupo, no café, na rua, atraem o olhar do observador e o preocupam. Se jamais a palavra "estranho", de que tanto se abusou nas descrições modernas, se aplicou bem a alguma coisa, foi certamente ao gênero de beleza de Poe. Suas feições não eram vultosas, mas bastante regulares, a tez dum moreno-claro, a fisionomia triste e distraída, e se bem que não a apresentasse, nem o tom da cólera nem o da insolência tinham algo de penoso.

Seus olhos, singularmente belos, à primeira vista pareciam dum cinzento sombrio; melhor examinados, porém, mostravam-se gelados por um leve tonalidade violeta indefinível. Quanto à fronte era majestosa não que lembrasse as proporções ridículas que os maus artistas inventam, quando, para lisonjear o gênio, transformam-no em hidrocéfalo, mas dir-se-ia que uma força interior desbordante impele para diante os órgãos da perfeição e da construção. As partes que os craneologistas atribuem o sentido do pitoresco não estavam no entanto, ausentes, mas pareciam deslocadas, oprimidas, acotoveladas pela tirania soberba e usurpadora da comparação, da construção e da casualidade.

Sobre essa fronte tronava também, num orgulho calmo, o sentido da idealidade e do belo absoluto, o senso estético por excelência. Malgrado todas essas qualidades, aquela cabeça não apresentava um conjunto agradável e harmonioso. Vista de lado, feria e dominava a atenção pela expressão dominadora inquisitorial da fronte, mas o perfil revelava certas deficiências havia uma imensa massa de crânio, adiante e atrás, e medíocre quantidade no meio; afinal uma enorme potência animal e intelectual, e uma falha no lugar da venerabilidade e das qualidades afetivas.

Os ecos desesperados da melancolia, que atravessam as obras de Poe, têm um acento penetrante, é verdade, mas é preciso dizer também que é uma melancolia bem solitária e pouco simpática para o comum dos homens.

Tinha Poe os cabelos negros, semeados de alguns fios brancos grosso bigode eriçado, que ele esquecia de pôr em ordem e alisar devidamente. Trajava com bom-gosto, mas negligentemente, com um cavalheiro que tem bem outras coisas que fazer. Suas maneiras eram perfeitas, muito polidas e cheias de segurança.

Mas sua conversação merece menção especial. A primeira vez que interroguei um americano a esse respeito, respondeu-me ele, rindo muito: “Oh! oh! ele tinha uma conversa que não era lá muito consecutiva!" Depois de algumas explicações, compreendi que Poe dava vastas pernadas no mundo das idéias, como um matemático que fizesse um demonstração diante de alunos já bem fortes em Matemática, que ele monologava muito.

Na verdade, era uma conversa essencialmente nutritiva. Não era um beau parleur, e aliás sua palavra como seus escritos, tinha horror à convenção; mas um vasto saber o conhecimento de várias línguas, sólidos estudos, idéias colhidas em vários países faziam dessa palavra um ensinamento incomparável . Enfim, era um homem para ser freqüentado pelas pessoas que medem sua amizade pelo ganho espiritual que podem auferir duma convivência. Mas parece que Poe tenha sido pouco severo na escolha de seu auditório. Que seus auditores fossem capazes de compreender suas abstrações sutis, ou admirar as gloriosas concepções, que rasgavam continuamente com seus clarões o céu sombrio de seu cérebro, era coisa que não lhe causava preocupação.

Vou procurar dar uma idéia do caráter geral que domina as obras de Edgar Poe.

Poe se apresenta sob três aspectos: crítico, poeta e romancista; e mais, no romancista há um filósofo. Quando foi chamado para dirigir o Mensageiro Literário do Sul (Southern Literary Messenger), ficou estipulado que ganharia 2 500 francos por ano. Em troca de tão medíocres honorários, deveria encarregar-se da leitura e escolha dos trechos destinados à composição do número do mês, e da redação da parte chamada editorial, isto é, da análise de todas as obras aparecidas e da apreciação de todos os fatos literários. Além disso, contribuiria muitas vezes com um conto ou uma poesia. Durante dois anos, pouco mais ou menos, exerceu essa tarefa. Graças à sua ativa direção e à originalidade de sua critica, o Mensageiro Literário atraiu dentro em pouco todas as atenções.

Tenho, diante de mim, a coleção dos números desses dois anos. A parte editorial é considerável; os artigos são bastante longos. Muitas vezes, no mesmo número, encontra-se a resenha dum romance, dum livro de poesia, dum livro de medicina, de física ou de História. Todas são feitas com o maior cuidado, e denotam no autor um conhecimento das diversas literaturas e uma aptidão científica, que recordam os escritores franceses do século XVIII. Parece que durante seus precedentes tempos miseráveis, Edgar Poe havia posto o seu tempo a juros e agitado um rol de idéias. Há ali uma coleção notável de apreciações criticas dos principais autores ingleses e americanos, muitas vezes de memórias francesas. Donde partia uma idéia, qual era sua origem, seu objetivo, a que escola pertencia ela, qual era o método do autor, salutar ou perigoso, tudo isso era nitidamente, claramente, rapidamente explicado.

Se Poe atraiu fortemente as atenções sobre si, arranjou também numerosos inimigos. Profundamente penetrado por suas convicções, fez guerra infatigável aos falsos raciocínios, às imitações bobas, aos barbarismos e a todos os delitos literários, que se cometem diariamente nos jornais e nos livros. Desse lado, nada havia a reprochar-lhe.

Pregava com o exemplo. Seu estilo é puro, adequado às idéias, dando delas a expressão exata. Poe é sempre correto. Fato bastante assinalável é que um homem de imaginação tão erradia e tão ambiciosa seja ao mesmo tempo tão amoroso das regras, e capaz de análises estudiosas e de pacientes pesquisas. Dir-se-ia uma antítese feita carne. Sua glória de crítico prejudicou bastante sua fortuna literária. Muitos se quiseram vingar. Não houve censuras que não lhe lançassem mais tarde em rosto, à medida que sua obra se avolumava. Toda a gente conhece essa longa e banal ladainha: imoralidade, falta de ternura, ausência de conclusões, extravagância, literatura inútil. A critica francesa jamais perdoou a Balzac « o Grande homem provinciano em Paris ».

Como poeta, Edgar Poe é um homem à parte. Representa quase sozinho o movimento romântico do outro lado do Oceano. É o primeiro americano que, propriamente falando, fez do seu estilo uma ferramenta. Sua poesia, profunda e gemente, é, não obstante, trabalhada, pura, correta e brilhante, como uma jóia de cristal.

Edgar Poe amava os ritmos complicados, e, por mais complicados que fossem, neles encerrava uma harmonia profunda. Há um pequeno poema seu, intitulado "Os Sinos" , que é uma verdadeira curiosidade literária; traduzível, porém, não o é. "O Corvo" logrou vasto êxito. Segundo afirmam Longfellow e Emerson, é uma maravilha O assunto é quase nada, e é uma pura obra de arte. O tom é grave e quase sobrenatural, como os pensamentos da insônia; os versos caem um a um, como lágrimas monótonas. No "País dos Sonhos" , tentou descrever a sucessão dos sonhos e das imagens fantásticas que assaltam a alma quando o olho corpóreo está cerrado. Outros poemas como "Ulalume" e "Annabel Lee" gozam de igual celebridade. Mas a bagagem poética de Poe é diminuta. Sua poesia, condensada e laboriosa, custava-lhe, sem dúvida, muito esforço e ele necessitava muitas vezes de dinheiro, para que se pudesse entregar a essa dor voluptuosa e infrutífera.

Como novelista e romancista, Edgar Poe é único no seu gênero, como Maturin, Balzac, Hoffmann, cada um no seu. Os variados trabalhos que espalhou em revistas foram reunidos em dois grupos, um, Contos do Grotesco e Arabesco, o outro Contos de Edgar A. Poe, edição Wiley & Putnam. Forma tudo um total de setenta e dois trabalhos mais ou menos. Há ali bufonadas violentas, puro grotesco, aspirações desenfreadas para o infinito e uma grande preocupação pelo magnetismo.

Nele é atraente toda entrada em assunto, sem violência, como um turbilhão. Sua solenidade surpreende e mantém o espírito alerta. Sente-se, desde o princípio, que se trata de algo grave. E lentamente, pouco a pouco, se desenrola uma estória, cujo interesse inteiro repousa sobre um imperceptível desvio do intelecto, sobre uma hipótese audaciosa, sobre uma dosagem imprudente da Natureza no amálgama das faculdades. O leitor, tomado de vertigem, é constrangido a seguir o autor em suas arrebatadoras deduções.

Nenhum homem jamais contou com maior magia as exceções da vida humana e da natureza; os ardores de curiosidade da convalescença; o morrer das estações sobrecarregadas de esplendores enervantes, os climas quentes, úmidos e brumosos, em que o vento do sul amolece e distende os nervos, como as cordas de um instrumento, em que os olhos se enchem de lágrimas, que não vêm do coração; a alucinação deixando, a princípio, lugar à dúvida, para em breve se tornar convencida e razoadora como um livro; o absurdo se instalando na inteligência e governando-a com uma lógica espantosa; a histeria usurpando o lugar da vontade, a contradição estabelecida entre os nervos e o espírito, e o homem descontrolado, a ponto de exprimir a dor por meio do riso. Analisa o que há de mais fugitivo, sopesa o imponderável e descreve, com essa maneira minuciosa e científica, cujos efeitos são terríveis, todo esse imaginário que flutua em torno do homem nervoso e o impele para a ruína.

Geralmente Edgar Poe suprime as coisas acessórias, ou pelo menos não lhes dá senão um valor mínimo. Graças a esta sobriedade cruel, a idéia geratriz se torna mais visível e o assunto se recorta ardentemente, sobre esses segundos planos nus. Quanto a seu método de narração, é simples. Abusa do eu com uma cínica monotonia. Dir-se-ia que está tão certo de interessar, que pouco se preocupa em variar seus meios. Seus contos são quase sempre narrativas ou manuscritos do personagem principal. Quanto ao ardor com que trabalha muitas vezes no que é horrível, observei em muitos homens que isso se deve a uma imensa energia vital sem exercícios, por vezes a uma castidade obstinada e também a uma profunda sensibilidade recalcada. A volúpia sobrenatural, que o homem pode experimentar em ver correr seu próprio sangue, os movimentos bruscos e inúteis, os grandes gritos lançados ao ar quase involuntariamente são fenômenos análogos. A dor éum alívio para a dor, a ação repousa do repouso.

Nos contos de Poe jamais se encontra amor. Pelo menos, "Ligéia " e " Eleonora" não são propriamente falando, estórias de amor, sendo outra a idéia principal sobre a qual gira a obra. Talvez acreditasse ele que a prosa não é a linguagem à altura desse estranho e quase intraduzível sentimento; porque suas poesias, em compensação, estão fartamente saturadas de amor. A divina paixão nelas aparece magníficamente constelada, e sempre velada por uma irremediável melancolia. Nos seus artigos, fala algumas vezes de amor como se uma coisa cujo nome faz a pena estremecer. No " Domínio de Arnheim " afirmará que as quatro condições elementares da felicidade são: a vida ao ar livre, o amor duma mulher, o desprendimento de qualquer ambição e a criação dum Belo novo.

O que corrobora a idéia da Sra. Frances Osgood referente ao respeito cavalheiresco de Poe pelas mulheres é que, malgrado seu prodigioso talento para o grotesco e para o horrível, não há em toda a sua obra uma única passagem que se refira à lubricidade ou mesmo aos prazeres sensuais. Seus retratos de mulheres são, por assim dizer, aureolados;

brilham em meio dum vapor sobrenatural e são pintados à maneira enfática dum adorador. - Quanto aos pequenos episódios romanescos, há motivo para espanto que uma criatura tão nervosa, cuja sede do Belo era talvez o traço principal, tenha por vezes, com ardor apaixonado, cultivado a galantaria esta flor vulcânica e almiscarada, para a qual o cérebro fervente dos poetas é terreno predileto?

Em Edgar Poe não há choraminguices enervantes, mas por toda a parte incessantemente, o ardor infatigável pelo ideal. Como Balzac que morreu triste talvez triste por não ser um puro sábio, tem sanhas de ciência. Escreveu um Manual do Concologista. Tem, como os conquistadores e os filósofos, uma aspiração arrebatadora para a unidade; assimila as coisas morais às coisas físicas. Dir-se-ia que procura aplicar à literatura os processos da filosofia, e à filosofia o método da álgebra.

Nessa incessante ascensão para o infinito, perde-se um pouco o fôlego. O ar fica rarefeito nessa literatura como num laboratório. Contempla-se aí sem cessar a glorificação da vontade, aplicando-se à indução e à análise. Poe parece querer arrancar a palavra aos profetas e atribuir-se o monopólio da explicação racional. Assim, as paisagens que servem por vezes de fundo a suas ficções febris são pálidas como fantasmas. Poe, que não partilhava das paixões dos outros homens, desenha árvores e nuvens que se assemelham a sonhos de nuvens e de árvores, ou antes, que se assemelham a seus estranhos personagens, agitadas, como eles, por um calafrio sobrenatural e galvânico.

Os personagens de Poe, ou melhor, o personagem de Poe, o homem de faculdades super agudas, o homem de nervos relaxados, o homem cuja vontade ardente e paciente lança um desafio às dificuldades, aquele cujo olhar está ajustado, com a rigidez duma espada, sobre objetos que crescem, à medida que ele os contempla - é o próprio Poe. - E suas mulheres, todas luminosas e doentes, morrendo de doenças estranhas e falando com uma voz que parece música, são ele ainda; ou pelo menos, por suas aspirações estranhas, por seu saber, por sua melancolia incurável, participam fortemente da natureza de seu criador.

Quanto à sua mulher ideal, à sua Titânide, revela-se em diferentes retratos, esparsos nas suas poesias pouco numerosas, retratos, ou antes, maneiras de sentir a beleza, que o temperamento do autor aproxima e confunde numa unidade vaga mas sensível, e onde vive mais delicadamente talvez que em qualquer parte esse amor insaciável do Belo, que é seu grande titulo, isto é, a soma de seus títulos à afeição e ao respeito dos poetas.